

GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS ESCOLARES



SILVA, Ana Paula Delazari

ARAÚJO, Ludmilla Carneiro -ORIENTADORA



PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade escolar dividida entre o “ser mulher” e o “ser homem” e podemos analisar algumas ações que muitas vezes acabam passando despercebidas como se fossem naturais, mas que na realidade são produzidas socialmente e reforçam as desigualdades de gênero. Temos como exemplo as filas nas escolas, em que as meninas ficam em um lado e os meninos do outro; as aulas de educação física, onde muitas vezes as meninas vão pular corda e os meninos jogar futebol (LINS *et al.* 2016).

No cotidiano das escolas é fácil perceber a naturalização que existe dos preconceitos de raça, gênero e orientação sexual. É tão comum que se perceba, mesmo entre os/as educadores/as, atitudes diárias que reforçam esses preconceitos, seja por meio de piadas, comentários ou mesmo naturalização dos espaços de meninos e meninas, homens e mulheres.

O desenvolvimento infantil é afetado pela educação recebida pelos adultos (familiares ou de outras instituições que as crianças frequentam) baseada em preconceitos e generalizações. Nessa fase da educação, as crianças acabam reproduzindo na escola o que veem e ouvem em casa, inclusive com relação à concepção de gênero, por isso é comum ouvir dos alunos frases do tipo: a cor rosa é de menina; carrinho é de menino; meninas não fazem isso; menino não chora; entre outras frases.

Diante do exposto, este trabalho levanta o seguinte problema: quais são as opiniões de sete professoras sobre gênero e sexualidade?

Esse trabalho tem como objetivo compreender a opinião de sete professoras e o conhecimento delas a respeito de gênero e sexualidade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada por meio de um questionário com perguntas abertas, pelo Google formulários, com sete professoras do ensino fundamental da cidade de Ubá. Foram obtidos apenas dois questionários respondidos, sendo de duas professoras: uma da educação infantil e uma do ensino fundamental, com idade entre trinta e nove e quarenta e um anos, ambas formadas em pedagogia sendo que uma delas possui também licenciatura plena em matemática e as duas lecionam a mais de cinco anos no cargo. Essa pesquisa pretendeu analisar a visão das professoras sobre gênero e sexualidade no seu cotidiano escolar. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (1995) se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para essa pesquisa, as duas participantes serão chamadas de Grasi e Sigma, nomes fictícios para preservar suas identidades. De início foi perguntado sobre o que significa, para elas, as palavras gênero e sexualidade. Segundo Grasi, *gênero é o masculino e feminino e sexualidade é o sexo*, já para Sigma, *significa que a pessoa pode se relacionar com quem quiser*.

Quando indagadas se elas acham que a escola é lugar para ser discutido o tema Gênero e Sexualidade, a resposta foi unânime, ambas disseram que sim, que a escola é um lugar para se discutir sobre esse tema. Meirelles (1997) afirma que o professor é o mediador e organizador do processo pedagógico, favorece a visão do conjunto sobre a situação, e propõe outras fontes de informação, colocando o aluno em contato com outras formas de pensar.

Foi indagado também às docentes se elas já identificaram algumas brincadeiras consideradas marcadoras de gênero em sua sala de aula e se já identificaram em seus alunos comportamentos preconceituosos com o gênero oposto, ambas disseram que sim. Joan Scott (1998), define gênero como uma categoria que serve para “dar sentido” a esta diferença.

Dando continuidade a essas perguntas, foi perguntado como elas acham que devem ser tratadas essas questões na escola.

Segundo Grasi, *essa questão pode ser tratada através de projetos que realmente mostrem a questão da sexualidade*; já Sigma disse que *essa questão pode ser tratada com conversas dentro de sala de aula, palestras e vídeos educativos*.

As crianças brincam, com brinquedos ou não, dependendo do meio em que estão inseridas e na escola isso não é diferente. Deste modo as docentes também foram indagadas se consideram que alguns brinquedos ou brincadeiras são mais adequados para meninos e meninas e ambos disseram que sim.

Campos e Souza, (2002) explicitam que a escola é fortemente influenciada pela sociedade, pela mídia e pelas relações de produção e consumo.

CONCLUSÃO

Conclui-se que é importante falar sobre gênero e sexualidades nas escolas, para evitar e diminuir a desigualdade de gênero. É necessário, também, que os alunos entendam desde pequenos que não deve existir regras que indicam o que é para meninos ou para meninas. Deve-se considerar uma educação que respeite os outros, para que todos sejam aceitos como são.

REFERÊNCIAS

CAMPOS; C. C. G. de; SOUZA, S. J. e. Infância, mídia e Cultura do consumo. In: GONDRA, J. G. (org.). História, infância e escolarização. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. p. 131148

DRUMOND, Viviane. É de menina, ou de menino? Gênero e sexualidade na formação da professora de educação infantil. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais. São Paulo: Revira Volta, 2016.

MEIRELLES, João Alfredo Boni de. Os ET's e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, Julio Gropa (Org.). Sexualidade na Escola: Alternativas Teórico e Práticas. São Paulo: Summus, 1997.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCOTT, Joan.
La Citoyenne Paradoxale: les féministes françaises et les droits de l'homme. Paris: Ed Albin Michel, 1998.